

Ambientalistas fiscalizarão madeireiras

Grupo percorrerá Amazonas para investigar denúncias de desmatamento ilegal

Tina Vieira

• A ameaça de desmatamento do Amazonas pode vir do outro lado do mundo, mais precisamente, das madeireiras asiáticas que têm chegado ao estado em busca de bons negócios. Para verificar qual a dimensão exata do perigo, integrantes de Organizações Não-Governamentais, da Central Única dos Trabalhadores e parlamentares irão até a região no final do mês. O objetivo da viagem é percorrer quatro dos municípios — Manaus, Itacoatiara, Carauari e Benjamin Constant — onde as madeireiras atuam e checar possíveis irregularidades.

A pesquisadora do Instituto Brasileiro de Análise Socioeconômica (Ibase), Rosa Roldan, é uma das integrantes dessa caravana. Segundo ela, algumas irregularidades praticadas pelas madeireiras que já foram denunciadas por autoridades e imprensa locais precisam ser investigadas o mais rapidamente possível.

Satélites não conseguem captar todas as áreas desmatadas

Um dado, pelo menos, já é certo. Segundo o Ibama do Amazonas, a estimativa de que apenas 2% da área do estado tenham sido desmatados é falsa porque os satélites não conseguem detectar com precisão todos os terrenos. As áreas em que ocorreu corte seletivo de árvores aparecem nas fotos como intocadas.

Uma das principais acusações feitas às madeireiras, não só asiáticas, refere-se às guias de exportação preenchidas pelas empresas. Os dados dessas guias não corresponderiam aos concedidos ao Ibama estadual.

— Essa é uma denúncia já am-



A MADEIRA EXTRAÍDA no estado do Amazonas desce pelos rios em barcos

plamente divulgada no Amazonas, mas ninguém checou ainda a sua veracidade — disse Rosa, que integra o grupo “Meio ambiente e democracia” do Ibase.

Outra irregularidade da qual os ambientalistas suspeitam refere-se às madeireiras que ainda não conseguiram ter o seu plano de manejo aprovado pelo Ibama e comercializam madeira de terceiros. Em conversa com autoridades do Ibama local, Rosa garante que obteve a informação que o órgão realizará, nos próximos meses, inspeções para verificar se a madeira obtida de outras empresas é legal ou não.

Apesar da falta de comprovação de irregularidades por parte das madeireiras, Rosa e os integrantes de uma comissão do Congresso Nacional — criada há um ano exclusivamente para investigar o assunto — acreditam que

há indícios fortes mostrando que, se não houver fiscalização do Governo e das Ongs, elas destruirão as florestas do Amazonas, assim como destruíram as dos países pelos quais já passaram.

Segundo Rosa, somente uma das madeireiras asiáticas instaladas no estado devastou 15 milhões de hectares (cada hectare corresponde a um campo do Maracanã) por ano em Sarawak, na Malásia. Além disso, a erosão provocada pelo desmatamento deixou 40 mil famílias da região sem moradia.

— Se elas fizeram isso nos países de origem, por que não farão no Brasil? — disse Rosa.

Uma das reivindicações da pesquisadora e dos ambientalistas em geral é de que o Governo federal imponha regras mais rígidas para a instalação de madeireiras em toda a Amazônia. Atual-

mente, qualquer estrangeiro pode comprar áreas de floresta na região, só tendo que apresentar um plano de manejo ao Ibama e cumprir uma lei federal, segundo a qual 80% das terras devem permanecer intocadas.

O problema é que como não há fiscalização suficiente, essa lei pode ser descumprida facilmente pelas madeireiras nacionais e estrangeiras. Outra lei federal, aprovada há cerca de um ano pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, prevê a revisão de todos os planos de manejo já concedidos pelo Ibama. Resultado: só no Amazonas, 70% dos planos terão que ser revistos, devido a irregularidades.

Viagem prevê visitas às madeireiras do Amazonas

Na viagem do final do mês, que deverá durar uma semana, os integrantes da caravana têm encontros marcados com Ongs locais, com a direção do Ibama do Amazonas e com órgãos de pesquisa da região. Eles tentarão também visitar as madeireiras (ao todo, são 23 estrangeiras, sem contar as asiáticas) dos quatro municípios citados para verificar as condições de trabalho.

Outra preocupação dos ambientalistas refere-se às terras indígenas. Como em outras épocas houve denúncia de que madeireiras nacionais estavam invadindo terras silvícolas, os pesquisadores acreditam que possa estar acontecendo a mesma coisa com as empresas estrangeiras.

— Cada árvore que cai extermina mais de 30 espécies, inclusive plantas que nunca foram estudadas pelos cientistas e nas quais pode estar a cura para doenças graves — denunciou Rosa. ■

Divulgação